

CLUBE
DO ASSINANTE

Divulgação



Alcione: show com 20% de desconto para os assinantes

‘Celebração’ de Alcione no Rival

Alcione estreia amanhã temporada popular de três semanas no Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim 33, Cinelândia, tel.: 532-4191). A cantora fica em cartaz de quarta-feira a domingo, sempre às 19h30m, com o show “Celebração”, inspirado em seu mais recente CD. O repertório inclui sucessos como “Nem morta”, “Minha estranha loucura”, “Não

deixe o samba morrer” e “Gostoso veneno”. Alcione conta com a participação da dupla maranhense Baião de Dois, formada por Carlinhos Velos e César Nascimento, e faz ainda uma homenagem a Martinho da Vila.

Os assinantes têm 20% de desconto no ingresso, que custa R\$ 15 (quarta, quinta e domingo) e R\$ 20 (sextas e sábados).

Chico Buarque sem promoção

Excepcionalmente não haverá desconto para os assinantes do GLOBO no show “As cidades”, que o cantor e compositor Chico Buarque estreia depois de amanhã no Caneção. Após a temporada de Chico Buarque, os sócios

do Clube vão voltar a ter desconto de 10% na compra de até dois ingressos nos espetáculos apresentados na casa. Para obter o desconto nos próximos shows, basta apresentar o cartão do Clube e a carteira de identidade.

Cinema 1 fora do Clube

O Top Cinema 1 não é mais um dos conveniados do Clube, pois desligou-se da distribuidora Top Filmes (agora chama-se Cinema 1). Mas as salas Top Cine Petrópolis 1 e 2 continuam oferecendo 50% de desconto em até

dois ingressos diariamente para os assinantes, assim como as da Art-Filmes. Nas salas do Cinema 1, o abatimento é o mesmo, só que de segunda a quinta-feira. O desconto não é cumulativo, não podendo somar-se a outros.

CINEMAS

ZONA SUL

ART COPACABANA — Avenida N. Sra de Copacabana, 759 Tel:235-4895. Desconto: 50% em até dois ingressos (não acumulativo com outras promoções).

ART BARRASHOPPING 1, 2, 3, 4, 5 — Av. das Américas, 4.666 Tel:431-9009. Desconto: 50% em até dois ingressos (não acumulativo com outras promoções).

ZONA NORTE

ART TIJUCA — Rua Conde de Bonfim, 406 — Tijuca Tel:254-9578. Desconto: 50% em até dois ingressos (não acumulativo com outras promoções).

ART MEIER — Rua Silva Rabelo, 20 — Meier Tel:595-5544. Desconto: 50% em até dois ingressos (não acumulativo com outras promoções).

ZONA OESTE

CINEMARK 12 — Av. das Américas, 500 — 2º Piso — Shopping Downtown — Barra da Tijuca. Desconto: 50% em até dois ingressos, de segunda a quinta (não cumulativo com outras promoções).

NITERÓI

ART PLAZA SHOPPING 1,2 — Rua XV de Novembro, 8 — Centro Tel:620-6769. Desconto: 50% em até dois ingressos (não acumulativo com outras promoções).

DUQUE DE CAXIAS

ART UNIGRANRIO 1, 2 — Rua Prof. José de Souza Herdy, 1.216 — Shopping Unigranrio. Desconto: 50% em até dois ingressos (não acumulativo com outras promoções).

PETRÓPOLIS

ART BAUHAUS — Rua Dr. Nelson Sá Farp, 88 — Shopping Bauhaus Tel:(024)245-0597. Desconto: 50% em até dois ingressos.

TOP CINE PETRÓPOLIS 1, 2 — Hiper Shopping — Rua Teresa, 1.515 — Alto da Serra Tel:(024) 243-0758. Desconto: 50% em até dois ingressos (não acumulativo com outras promoções).

ALUGUEL DE LIVROS

ZONA SUL

BARRA BOOKS — Rua Maria Luiza Pitanga, 45/206 — Barra da Tijuca Tel:493-6285. Desconto: 100% na inscrição; 20% nas mensalidades e 10% nas pesquisas escolares (cheque ou espécie).

ZONA NORTE

BOOK-É-LOCADORA — Rua Barão do Bom Retiro, 901 sala 207 — Engenho Novo Tel:462-2162 e 998-8447. Desconto: 20% nas mensalidades (cheque ou espécie) Não é cobrada taxa de inscrição.

Seja sócio desse Clube.
Ligue 534-4300.



E-mail para esta coluna: clube@oglobo.com.br

Toninho Horta lança livro, CD dedicado a Jobim e conta como ele o influenciou

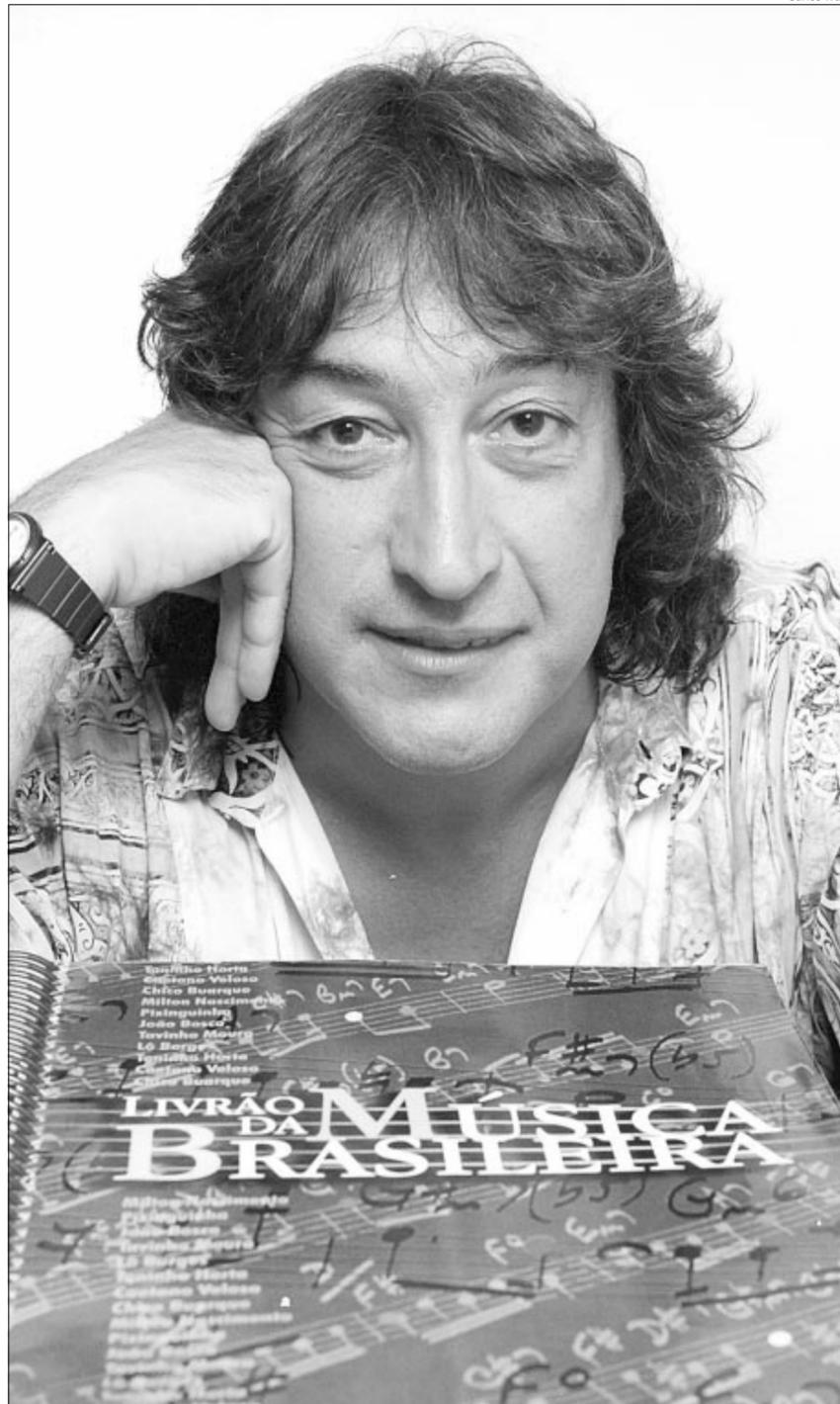
Guitarrista revelado no Clube da Esquina reúne clássicos da música brasileira

Mário Adnet

Um dos artífices do Clube da Esquina, movimento mineiro que revelou nomes como Milton Nascimento, Lô Borges e Beto Guedes nos anos 70, o guitarrista Toninho Horta desenvolveu sua técnica apurada nos Estados Unidos. No momento, trabalha na produção do “Livro da música brasileira”, no qual registrará uma seleção de cerca de 500 clássicos dos compositores mais representativos da música brasileira. O músico, que está completando 50 anos, lançou recentemente no Japão o disco “De Tom Para Tom”, dedicado à obra do mestre Jobim (sai em abril no Brasil), e também o CD autoral “Serenade”, que sai esse mês pelo seu selo, Aqui Oh! Records.

• **RAÍZES:** “Minha paixão pela música foi uma coisa natural, eu diria até mesmo genética, já que o meu avô João Horta, pai de minha mãe, era maestro de bandas no interior de Minas e tinha estudado harmonia no conservatório do Rio de Janeiro. Como professor, ele percorria várias cidades, transferido de tempos em tempos. Em cada cidade montava uma banda nova, já era meio cigano assim como eu sou hoje, tocava vários instrumentos. Compôs várias missas para capelas e igrejas do interior de Minas. Aliás, um dos meus projetos para o ano que vem é resgatar essa obra, que inclusive já foi citada em vários livros sobre barroco mineiro. Desde cedo eu ouvia muita coisa em casa, minha mãe diz que com um ano e pouco eu adorava um tango argentino chamado ‘Nonana’. Nós ouvíamos também os clássicos, por influência do meu avô, e, segundo minha mãe, quando eu tinha 3 anos ela colocou ‘Clair de Lune’, de Debussy, para tocar, e eu comecei a chorar, abri o berreiro. Ali ela percebeu que eu tinha algo de muito forte com a música. Me lembro que mais tarde, com uns 9 anos, quando eu ouvia Beethoven, Mozart, Schubert, Tchaikovsky, essas orquestrações pesadas, sentia um aperto tão grande no peito que me escondia embaixo da cama e chorava... Minha mãe tocava bandolim acompanhada do violão de meu pai, aquelas coisas bem mineiras, valsas, modinhas. Depois, meu irmão Paulo, 15 anos mais velho que eu, já era músico profissional e levou o jazz e as trilhas de cinema para dentro de casa. Quando o musical ‘Oklahoma’ apareceu em Belo Horizonte e nós, todos os irmãos, fomos assistir, já conhecíamos todas as canções do filme. Tudo o que vinha de jazz e trilhas de cinema dos Estados Unidos meu irmão comprava com o pessoal do clube de jazz que havia em BH desde o início dos anos 50. Acho que esse pessoal influenciou a geração que precedeu o ‘Clube da Esquina’, Wagner Tiso, Paulinho Braga, Chiquito Braga.”

• **UM PIANO DENTRO DA GUITARRA:** “Quando comecei a tocar violão, aos 10 anos, aprendi super rápido. Eu tocava só com dois dedos, não conseguia tocar com os quatro ainda. Minhas irmãs mais velhas já tocavam há muito tempo e logo as superei. Com 13 anos, eu fiz a primeira música e a terceira já foi gravada pelo cantor da banda do meu irmão. Meu primeiro trabalho foi aos 19 anos, como guitarrista da banda de baile do Aécio. Já na noite de estreia ele me deu um toque super importante, de que eu deveria pensar a guitarra como um outro instrumento e não como violão, partir para as regiões mais agudas, criar frases melódicas e procurar inversões de acordes. Como eu gostava muito de piano, eu diria que comecei a carregar o piano para dentro da guitarra, coisa que o Chiquito Braga já fazia muito bem com aqueles dedos tortos, uma experiência visualmente forte pra mim. A partir daí eu fui criando uma linguagem mais particular. Engraçado é que nessa ocasião procurei um professor de violão muito conceituado em Belo Horizonte que achou o meu modo de tocar bem inte-



TONINHO HORTA: “Quando ouvia orquestrações pesadas, sentia um aperto tão grande no peito que chegava a chorar”

ressante e disse que seria muito difícil ‘corrigir’ a minha técnica. Acho que ele não teve paciência comigo e me aconselhou a continuar nesse caminho mesmo. Eu estou até hoje sem professor...”

• **VINICIUS DE MORAES:** “Quando eu tinha uns 17 anos, era muito tímido mas me destacava nas festinhas em Belo Horizonte por causa do violão e também por conhecer bem o repertório da bossa nova. Eu sempre ouvia falar de um outro rapaz, um tal de Tavito, que também fazia sucesso pelo mesmo motivo. Nós ficamos ‘famosos’, em festinhas só se falava em Toninho ou Tavito. Eu queria muito conhecê-lo. Ficava aquele clima de competição, o pessoal dizia que um tocava mais do que o outro, aquelas coisas de adolescente. Finalmente nos encontramos numa festa e descobrimos que a gente sabia e gostava de tocar as mesmas músicas, cada um à sua maneira. Um dia o Vinicius de Moraes apareceu na cidade para um show no Morro do Chapéu, num clube sofisticado. À noite, quando liguei a TV e vi o Tavito acompanhando o Vinicius, fiquei injuriado, achando que eu é que deveria estar lá, pois afinal de contas eu conhecia o repertório do Vinicius... No dia seguinte soube que haveria uma nova apresentação na facultade de direito e eu não perderia por nada. Quando cheguei lá, o auditório já estava lotado, aquele monte de gente bonita e eu louco pra ver o Vinicius e o Tavito também. Eu não sei se roguei uma praga ou se era um imenso desejo de tocar com ele... De repente começou um rumor de que o Vinicius estava atrasado e talvez não rolasse

mais o show porque o violonista tinha adoecido... (risos). Ai não deu outra né? Passei por cima da minha enorme timidez, fui correndo procurar os produtores e disse que conhecia tudo de bossa nova e do Vinicius de Moraes e que se precisassem de um violão eu estava ali mesmo... Eles avisaram ao Vinicius, que foi chegando, olhando pra mim como se eu fosse um “bosta rala” perguntando se eu sabia tocar as músicas, querendo me testar. Peguei o violão, toquei para ele, num cantinho do palco, algumas parcerias com Baden, Carlos Lyra, Tom e... fiz o show! No dia seguinte, os jornais deram várias fotos, foi a glória. Foi uma satisfação enorme. Esse episódio me deu muita força pra continuar na música.”

• **TOM JOBIM:** “O Tom é meu ídolo maior. O Ronaldo (Bastos) foi quem me levou à casa dele no Leblon. Os primeiros encontros foram muito curtos, me lembro que num deles ele estava ao piano cercado de partituras. Depois encontrei com ele algumas vezes em Nova York mas não eram encontros longos. No início dos anos 80, eu já havia gravado os dois primeiros discos, passei por uma situação meio barra em Los Angeles, uma produção que não deu certo e eu fiquei muito chateado. Lembro que o Ronaldo me ligou de Nova York e eu contei o que estava se passando. O Tom estava ao lado dele e pediu o telefone dizendo que queria falar comigo. Ai ele foi um pai pra mim. Foi a primeira vez que eu pude sentir uma maior intimidade, ele me deu vários conselhos. Eu estava chorando e ele me consolou, me chamando pra ir para Nova

York, que as coisas eram assim mesmo e que eu tinha de dar a volta por cima. Três anos depois, em 85, trabalhamos juntos na gravação de ‘Anos Dourados’ com a Maria Bethânia, no disco ‘Dezembros’. Por falar nisso, eu compus uma canção ‘De Tom Para Tom’ logo depois da morte dele e que está no disco homônimo lançado há pouco tempo no Japão.”

• **LIVRÃO DA MÚSICA BRASILEIRA:** “Eu tive a idéia de produzir esse Livro da Música Brasileira há mais de dez anos, quando assisti ao show de uma banda que tocou dez músicas e só tinham duas brasileiras, entre elas ‘Aqueles Coisas Todas’, de minha autoria. O resto eram canções americanas retiradas do ‘Real book’, um livro de standards com melodia e cifra muito usado pelos estudantes de música nos Estados Unidos. Isso me despertou para a necessidade de se fazer o nosso livrão com uma seleção de cerca de 500 clássicos dos compositores mais representativos da música brasileira. Com o incentivo da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, realizamos um seminário em Ouro Preto com a presença de vários professores, jornalistas e músicos, entre eles Zuza Homem de Mello, Hermínio Bello de Carvalho e Ian Guest, que contribuíram com sugestões. No momento estou procurando parceria para editar o livro, projeto que conta com os incentivos fiscais da lei federal e da lei estadual de Minas Gerais. A idéia é distribuir para as fundações culturais e universidades de todo o Brasil.”

MÁRIO ADNET é arranjador e compositor